

DOSSIÊ DEVOÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

doi: [10.25247/paralellus.2024.v15n36.p083-107](https://doi.org/10.25247/paralellus.2024.v15n36.p083-107)

**ENTRE LÁGRIMAS E VOTOS, VITÓRIA CONTRA O “IMPÉRIO  
INFERNAL”: DEVOÇÃO MARIANA E ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE  
2022**

AMONG TEARS AND VOWS, VICTORY AGAINST THE “INFERNAL  
EMPIRE”: MARIAN DEVOTION AND 2022 PRESIDENTIAL ELECTIONS

ENTRE LÁGRIMAS Y VOTOS, VICTORIA CONTRA EL “IMPERIO  
INFERNO”: DEVOCIÓN MARIANA Y ELECCIONES PRESIDENCIALES 2022

*Emanuel Freitas da Silva\**

*Emerson Sena\**

**RESUMO**

A figura e as devoções marianas são, no Catolicismo, absolutamente centrais. Da *mãe judia à rainha dos céus e da terra*, a Virgem Maria é um caleidoscópio simbólico. No entanto, em determinados momentos históricos, sua imagem assume contornos políticos extremados. Há uma virgem libertadora, uma virgem carismática e popular ou uma virgem politicamente reacionária. Nesse sentido, se guia a questão deste artigo: de que modo uma certa devoção mariana – Nossa Senhora das Lágrimas - foi insistentemente mobilizada pelos carismáticos católicos reacionários durante as eleições presidenciais de 2022 para legitimarem sua oposição a uma das candidaturas e se posicionarem no espectro político? Como hipótese

---

\* Doutor em Sociologia (UFC). Bacharel (UECE) e Mestre (UFRN) em Ciências Sociais. Especialista em Ciência Política (UNINTER) e Professor de Teoria Política e dos Programas de Pós-Graduação em Políticas Públicas e em Sociologia (UECE). Bolsista de Produtividade (BPI/FUNCAP) desenvolvendo pesquisa em religião e política. E-mail: [emanuel.freitas@uece.br](mailto:emanuel.freitas@uece.br).

\* Doutor em Ciência da Religião e graduado em Ciências Sociais (Antropologia), ambos pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). É Professor Associado do Departamento de Ciência da Religião (DCRE) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR- UFJF). E-mail: [emerson.pesquisa@gmail.com](mailto:emerson.pesquisa@gmail.com).

qualitativa, argumentamos que há uma afinidade eletiva entre as afeições sociais de frustração e ressentimento vividas entre os carismáticos e a imagem da virgem lacrimosa, mas soberana, que comandaria, em sua crença, os “exércitos” a “esmagar a serpente do grande inimigo” imaginário, ou seja, o “comunismo” cujo representante seria o “petismo” ou a “esquerda”. Como metodologia, elegemos a abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica parcial e análise de imagens e textos que circularam entre políticos e líderes carismáticos em suas redes sociais.

**Palavras-chave:** Devoção mariana; Catolicismo; Comunismo; Eleições presidenciais.

## **ABSTRACT**

The Marian figure and devotions are, in Catholicism, absolutely central. From Jewish mother to queen of heaven and earth, the Virgin Mary is a symbolic kaleidoscope. However, at certain historical moments, her image takes on extreme political contours. There is a liberating virgin, a charismatic and popular virgin or a politically reactionary virgin. In this sense, the question of this article is guided: how a certain Marian devotion - Our Lady of Tears - was insistently mobilized by charismatic reactionary Catholics during the 2022 presidential elections to legitimize their opposition to one of the candidacies and position themselves on the political spectrum? As a qualitative hypothesis, we argue that there is an elective affinity between the social affections of frustration and resentment experienced among the charismatics and the image of the tearful but sovereign virgin, who would command, in their belief, the “armies” to “crush the serpent of the great imaginary enemy”, that is, “communism” whose representative would be “PTism” or the “left”. As a methodology, we chose a qualitative approach, with a partial bibliographical review and analysis of images and texts that circulated among politicians and charismatic leaders on their social networks.

**Key-words:** Marian devotion; Catholicism; Communism; Presidential elections.

## **RESUMEN**

La figura mariana y las devociones son, en el catolicismo, absolutamente centrales. De madre judía a reina del cielo y de la tierra, la Virgen María es un caleidoscopio simbólico. Sin embargo, en determinados momentos históricos, su imagen adquiere contornos políticos extremos. Hay una virgen liberadora, una virgen carismática y popular o una virgen políticamente reaccionaria. En este sentido, se orienta la pregunta de este artículo: cómo cierta devoción mariana -Nuestra Señora de las Lágrimas- fue movilizaba insistentemente por católicos carismáticos reaccionarios durante las elecciones presidenciales de 2022 para legitimar su oposición a una de las candidaturas y posicionarse en la escena política. espectro? Como hipótesis cualitativa, sostenemos que existe una afinidad electiva entre los afectos sociales de frustración y resentimiento experimentados entre los carismáticos y la imagen de la virgen llorosa pero soberana, que ordenaría, en su creencia, a los “ejércitos” para “aplstar” la serpiente del gran enemigo imaginario”, es decir, el “comunismo” cuyo representante sería el “PTismo” o la “izquierda”. Como metodología se optó por un enfoque

qualitativo, con revisión bibliográfica parcial y análisis de imágenes y textos que circularon entre políticos y líderes carismáticos en sus redes sociales.

**Palabras clave:** Devoción mariana; Catolicismo; Comunismo; Elecciones presidenciales.

## 1 INTRODUÇÃO

O ofício analítico de acompanhar as eleições presidenciais de 2022 no Brasil requereu, para diversos pesquisadores, uma perspectiva que não descurasse da observação acerca dos modos como a religião, em especial o cristianismo e seus diversos ramos, seria utilizada por candidaturas que disputavam a preferência do eleitorado, com destaque para a expressão desse movimento na disputa presidencial.

Dando sequência aos pleitos anteriores, num processo que começa a radicalizar-se com a eleição de 2010<sup>1</sup>, observar-se-ia como os estreitos imbricamentos entre religião e política, na disputa de 2022, possibilitaria, para os pesquisadores, mais uma oportunidade de perceber o movimento de captura da política pela religião, ou melhor, a captura da política pelos atores do campo religioso e seus interesses, numa espécie de “dissolução do religioso” (BOURDIEU, 2004)<sup>2</sup>.

Assim é que, para aos autores deste artigo, apresentou-se durante a campanha presidencial um fenômeno digno de observação mais acurada acerca dessa utilização da religião para fins políticos: a interpelação, entre católicos de diversos matizes, de uma devoção brasileira datada da década de 1930 e que, no ano de 2022, serviria como “sinal” para que católicos conservadores-reacionários pudessem

---

<sup>1</sup> Naquela ocasião - em que a disputa presidencial se concentrou entre Dilma Rousseff (PT), José Serra (PSDB) e Marina Silva (PV) -, sobretudo durante o segundo turno, estabeleceu-se uma gramática política que tratava de “denunciar” o que seria o apoio da candidata do PT à legalização do aborto para além dos casos então estabelecidos em lei, sendo ela apresentada, por diversas lideranças religiosas, inclusive católicas, como adversária dos “valores cristãos”. Sobre a utilização da religião naquela disputa, pela via do pânico moral em torno do aborto, ver: MACHADO (2012); SIUDA-AMBROZIAK (2014) e MANTOVANI (2015).

<sup>2</sup> Para o sociólogo francês, a pluralização da sociedade moderna possibilitaria a “dissolução do religioso”, fenômeno por ele compreendido como uma reconfiguração do religioso, que deixa de ser “campo” apenas daqueles tradicionalmente tidos como legítimos – os sacerdotes -, e passa a ser um terreno de comum domínio, distribuído por diversos outros profissionais. Em nosso tempo, observamos como o religioso tem sido capturado por atores do campo político em mais um momento de tal dissolução, passando o religioso a ser um assunto político e o político um assunto de religião.

legitimar sua oposição à candidatura de Luís Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores – PT), apresentado por eles como candidato “comunista”, e explicitarem e legitimarem seu apoio ao então presidente Jair Messias Bolsonaro (Partido Liberal – PL), que disputava a reeleição.

Observemos a imagem abaixo, que circulou bastante em redes católicas. Numa releitura da imagem original de Nossa Senhora das Lágrimas, a imagem de fundo traz em marca d’água a bandeira do Brasil, acompanhada de uma “promessa” mariana: salvar o Brasil, desde que este se pusesse em oração para que fosse derrotado o “império infernal”.

**Imagem 01:** N.Sra. das Lágrimas



**Fonte:** Instagram da rede N.Sra das Lágrimas

Na operação semântica produzida pela circulação da imagem e pela recitação em massa da jaculatória, assim como pela rememoração à mensagem de Fátima (cujas imagens também foram bastante divulgadas entre católicos durante a campanha, para mobilizar o imaginário da “derrota do comunismo”), católicos se uniam, a seu modo, a evangélicos para deflagrar uma “guerra santa” ao perigo do “comunismo” que se

mostrava como real possibilidade de efetivação, no Brasil, caso a vitória de Lula sobre Bolsonaro, conforme apontavam as pesquisas, de fato se efetivasse<sup>3</sup>. Assim, fazia-se necessário convencer católicos de que, com a possível vitória de Lula, contrariavam-se tanto valores caros ao catolicismo (como a oposição ao aborto, a famigerada “ideologia de gênero”, a defesa da família tradicional dentre outros) como, sobretudo, a própria mensagem dada pela “mãe de deus” em duas oportunidades: em Fátima e em Campinas. É na utilização desta última que nos concentraremos.

A devoção interpelada era a de Nossa Senhora das Lágrimas, cuja jaculatória de invocação - “*Ó Virgem dolorosíssima, vossas lágrimas derrubaram o império infernal*” – auxiliava na oposição, divinizada, ao candidato do PT que buscava sua terceira recondução ao Palácio do Planalto.

Junto àquela devoção, também imagens de Nossa Senhora de Fátima, que aciona o imaginário da oposição ao comunismo, circulavam entre católicos com a interpelação da necessidade de uma intervenção divina, pelas mãos de Maria, em relação à eleição em curso.

**Imagem 02:** Católicos na rua por Bolsonaro



<sup>3</sup> Importa destacar que, em todas as pesquisas de intenção de voto divulgadas por ocasião daquela eleição, Lula sempre se manteve bastante à frente de Bolsonaro, com maioria entre católicos, mais ou menos na seguinte proporção, em regra: enquanto entre evangélicos ele perdia para o então presidente com percentual de 32 a 67%, entre católicos a ordem se invertia, fazendo com que a campanha do petista se concentrasse nesse eleitorado. Sobre isso, ver: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62896472#:~:text=Entre%20cat%C3%B3licos%2C%20Lula%20lidera%20com,Lula%20enquanto%20evang%C3%A9licos%20preferem%20Bolsonaro%3F>.

**Fonte:** autores

A questão, pois, que norteia este artigo é a seguinte: de que modo devoções marianas, com mensagens que se referem a outros contextos sócio-políticos, têm sido mobilizadas para legitimar plataformas políticas de extrema-direita no Brasil contemporâneo? A resposta à essa questão, nos limites deste artigo, será dada por meio de análise de discurso e de conteúdo de postagens na rede social Instagram de membros da Renovação Carismática Católica, com considerável capilaridade em número de seguidores, e que se tornaram espécie de “baluartes” da referida devoção (“das lágrimas”) ao propõem cruzadas de oração durante a campanha eleitoral com o objetivo de “derrubar” o “império infernal” que ameaçava a fé católica no Brasil, e que mesmo após a derrota de Jair Bolsonaro continuaram/continuam a propagar a referida devoção com o intuito de convencer um conjunto de católicos acerca da incongruência entre o apoio ao governo vencedor – tido como o “império infernal” – e a vivência da fé católica definida pelas mensagens das supostas aparições.

## **2 DEVOÇÕES MARIANAS, SOCIEDADE E POLÍTICA: O ANTICOMUNISMO VEM DO CÉU**

A relação entre devoção mariana, fé católica e aspectos políticos e sociais é secular, aliás, multissecular (PORTELLA, 2016). Os cultos e aparições da Virgem são, também instrumentos de defesa e afirmação de visões de mundo que possuem afinidades, positivas e negativas, com os contextos sociais-políticos mais amplos (STEIL, MARIZ, REESINK, 2003). A religião não é apenas religião, é poderoso símbolo sociopolítico que marcha junto com outros símbolos sociais, não raro, conjuntamente, reforçando-se mutuamente.

O mais expressivo caso histórico é a Aparição, e a conseqüente devoção, da Virgem de Fátima, em 1917, que propagou o primeiro vagalhão de anticomunismo religioso no mundo ocidental e cujos desdobramentos se fazem presentes ainda hoje (PEREIRA, PIMENTA, 2024; ANDRADE, 2024). Para se ter uma ideia dessa ainda persistência ressonância da mensagem anticomunista, vejamos essa imagem:

Imagem 03: N. Sra. de Fátima



Fonte: Instagram de Adriana Arydes

Às vésperas da realização do segundo turno, a imagem foi compartilhada entre católicos carismáticos para mobilizá-los por um jejum nacional com o objetivo de “salvar a pátria” do perigo que a estava a rondar: a vitória de Lula. Observe-se a utilização das cores da bandeira no card, mecanismo utilizado como de identificação com aqueles que apoiavam a candidatura de Jair Bolsonaro.

A aparição anterior mais conhecida é a de Nossa Senhora de Lourdes (1858), que não tinha apelos anticomunistas, mas, diante das descobertas científicas e do mundo que se desencantava, se urbanizava e se industrializava de maneira abrupta, apelava para a conversão no sentido de retorno aos dogmas, à disciplina e à tradição católica tridentina. O fenômeno se deu 10 anos após as turbulências de 1848, ano em que ocorreram levantes e insurreições populares, avanço das correntes operárias socialistas e anarquistas, em especial, italianas, francesas, austríacas, alemãs e inglesas, e da ascensão de movimentos intelectuais e urbanos

modernos e liberais que combatiam o *status quo* social-cultural-religioso lastreada na restauração conservadora, eminentemente reacionária.

No entanto, o contexto político da devoção à Virgem de Lourdes se deu no reinado do sobrinho de Napoleão Bonaparte, Napoleão III, que formou um governo reacionário-conservador depois de golpear a Segunda República e reinstaurar o império francês. As aparições se deram em Lourdes, na França, longe da capital, em distrito rural junto aos Montes Pirineus, fronteira com a então catoliquíssima Espanha. A jovem camponesa Bernadette Soubirous estava buscando lenha quando viu uma senhora vestida de branco com o rosário em mãos. O rosário, tradicional objeto católico de meditação e oração, está presente em muitas outras aparições, também nas mãos da Virgem de Fátima e da Virgem das Lágrimas.

As aparições de Fátima, no entanto, aconteceram no caudal das agitações políticas que puseram fim à monarquia portuguesa e ergueram uma república laica. Esta rompeu os laços com a Igreja Católica. Ocorreu também durante a I Primeira Guerra Mundial e sob a forte comoção social motivada pela Revolução Russa, realizada entre 8 de março e 16 junho de 1917 no coração da Rússia cristã ortodoxa.

A Virgem de Fátima teria aparecido aos irmãos Francisco e Jacinta e à sua prima Lúcia, em maio de 1917, também em um pobre vilarejo rural, distante das grandes cidades. Dentre as mensagens, apelos e milagres, ela teria feito previsões apocalípticas. Essas aparições mobilizaram massas de católicos e, quando havia uma comoção nacional, em 13 de julho de 1917, ela teria pedido que a Rússia fosse consagrada, pelo Papa, ao seu “Coração Imaculado” e afirmou que, caso isso não ocorresse, essa nação, cheia do “veneno comunista”, espalharia “seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja”. Era uma ação necessária para salvar as almas da perdição comunista. Por essa época, o comunismo enquanto ideologia estava ligado muito fortemente a uma visão estereotipada do ateísmo, com as imagens de demolição de igrejas e velhos altares<sup>4</sup>. De fato, os

---

<sup>4</sup> Importa destacar, contudo, que seria apenas 20 anos depois que se daria a publicação do primeiro documento oficial da Igreja Católica em oposição e condenação aberta ao comunismo como ideologia, com a Encíclica *Divini Redemptoris*, do Papa Pio XI.

resquícios de feudalismo e de mundo rural reacionário estavam sendo sacudidos pelos intensos processos sociais, econômicos e culturais que varriam o mundo.

Por sua vez, a devoção à Virgem das Lágrimas diz respeito à crença numa série de supostas aparições de Maria e Jesus à Irmã Amália de Jesus, na cidade de Campinas (SP), durante o ano de 1930, e que apresentava uma série de reflexões sobre a salvação em Cristo por meio do sofrimento de Maria. Nas lágrimas da mãe, que eram verdadeiras, o Filho atenderia a qualquer pedido. Estranhamente essa devoção passou décadas sem apelo nacional, tal como o que se viu no ano de 2022.

As aparições marianas são um problema para a Igreja porque elas podem se tornar heresias, atentar contra dogmas e contra a tradição. Quando tomam uma proporção massiva, são logo postas sob acompanhamento e controle eclesiástico. Para a Igreja, as boas aparições da Virgem são aquelas em enfatizam a reza do terço, a busca da missa, a conversão, enfim, o reforço da catolicidade tradicional. Lourdes e Fátima, as duas mais expressivas do século XIX e XX, apesar das arestas teológica e de oposições internas, efetivadas por alguns padres e leigos, vingaram.

Por afinidades culturais, sociais e linguísticas, e por questões políticas, a devoção à Nossa Senhora de Fátima atravessou o atlântico rapidamente e se espalhou pelo Brasil, a partir da comunidade portuguesa. As mensagens de conversão e anticomunismo vieram em um contexto de urbanização e industrialização da Primeira República. Em 1907, ocorreram greves trabalhistas por melhores condições de vida, trabalho e salário, lideradas, em sua maioria, por anarquistas e socialistas imigrantes (italianos e portugueses) nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. A reação das classes médias tradicionais, da Igreja e do governo foi negativa. Foi editado um decreto que expulsava os imigrantes que aderissem às greves<sup>5</sup>, mas não houve efeito prático. Dez anos depois, veio a primeira grande greve geral em junho, à altura da Revolução Russa, e na efervescência das aparições marianas em Portugal, que começaram em 13 de maio.

---

<sup>5</sup> Vale a pena transcrever as principais reivindicações: jornada de trabalho de oito horas, direito a férias, fim do trabalho infantil, proibição do trabalho noturno para as mulheres, aposentadoria e assistência médica. Apenas em 1943 esses direitos foram garantidos.

Se não é possível reduzir as aparições marianas no catolicismo aos movimentos sociais e políticos e sociais, tanto em sentido reacionário quanto revolucionário, pois elas são uma confluência de sentidos e fenômenos, é inegável, em muitos casos, que há forte conexão política. Desde a eclosão desses nexos de valor, em sentido weberiano, entre ordem/desordem socioeconômica e aparições e devoções marianas, o fantasma comunista assombra as mentes reacionárias, assoma aos ares empesteados e explode em marchas, votos, pânico moral, apoio a golpes de Estado e eleição de candidatos de direita ou extrema-direita e combate a candidatos “vermelhos”.

Um elemento fundamental que esses bailados sincrônicos de movimentos sociais, transformações econômicas, forças religiosas conservadoras reacionárias diacrônicas mostra, dentre outros, é a conexão entre espaços e tempos, à direita, e à esquerda, e entre reacionarismo social e religião, com fortes desdobramentos políticos.

Passadas as polêmicas e controvérsias, volta e meia a Virgem Maria “visitava” o Brasil com aparições, ou, as suas aparições em outros lugares eram comentadas, espalhadas e consumidas pelos católicos brasileiros. Havia, paralelas a essas, as aparições mais místicas, mais devotas, sem conexão política evidente.

Entre 1917 e 1964, o anticomunismo manifestou-se de muitos modos na sociedade, e na Igreja Católica e no catolicismo, acompanhando os sobressaltos sociais, econômicos e políticos desse período. Contudo, a mais expressiva manifestação do anticomunismo se deu em março de 1964, com a “Marcha do Desagravo ao Santo Rosário”. O nome foi alterado para “Marcha com Deus pela família e propriedade”, alcançando diversos grupos religiosos e sociais, e reuniu dezenas de milhares de pessoas. Ela foi organizada pela classe média urbana conservadora, sindicatos de patrões, agrupamentos femininos católicos. Ao final, realizou-se uma missa solene pela “salvação” da democracia brasileira do comunismo.

Não havia proposta de ruptura institucional por parte dos governos de tendência à centro-esquerda. João Goulart, estancieiro, assumiu após a renúncia de Jânio Quadros, necessitou ter sua posse garantida por um movimento contra-golpista liderado por Leonel Brizola, sindicatos, militares legalistas e partidos políticos, As

reformas propostas por esse governo tinham sido realizadas nos países capitalistas centrais: reforma tributária, agrária, educacional, industrial, entre outras, interferiam no *status quo* regressivo (MARTINS, 1994). Não havia comunismo, exceto em algumas correntes e grupos pequenos ligados ao contexto internacional da Guerra Fria (EUA versus URSS). As reformas seguiam as tendências do Estado de Bem-Estar Social. Havia, a partir do segundo governo Vargas (1950-1954), de feição mais democrática e social, movimentações golpistas lastreadas no reacionarismo da sociedade brasileira. Latifundiários, patronato industrial, setores das forças armadas, classes médias urbanas, parte da Igreja Católica e de grupos evangélicos, líderes políticos antidemocráticos (Carlos Lacerda), compunham essa frente.

Após o Golpe de 1964, entre 1969 e 1970, o movimento carismático, vindo dos EUA, chega ao Brasil e principia sua atuação e capilaridade por essas mesmas camadas médias urbanas nas quais nasceu o reacionarismo político. O nome inicial, pentecostalismo católico, dava a tônica: ênfase na ideia do Espírito Santo, curas, experiências místicas e interiorizadas, respondendo a uma mudança social profunda. Era uma das manifestações do catolicismo internalizado. A religião de herança declinava, e era substituída por formas subjetivadas, urbanas, modernizadas, ainda que, em alguns casos, conservadoras (CAMARGO, 1971). A devoção à Virgem Maria e aos santos não era absolutamente central. Mas, por conta das dinâmicas de controle eclesiástico e dos desejos de afirmação da catolicidade por parte do movimento carismáticos, as devoções marianas aumentaram intensamente sua presença entre eles (CARRANZA, 2002).

O tema do anticomunismo, apesar de arrefecido em função de outros temas (cura interior, conversão), percorreu lateralmente, durante muito tempo, as lideranças e comunidades carismáticas. Ademais, o comunismo histórico e real, com seus dilemas e contradições internas deixou de existir, em 1989, com a Queda do Muro de Berlim. A China havia, em 1978, mudado a marcha, com Deng Xiaoping abraçando a ideia de capa socialista, economia capitalista, esta, sob controle do Partido Comunista, único.

Uma alternativa socialista e comunista real e de amplo fôlego e aceitação social, não existe mais, por enquanto, no horizonte histórico e social concreto. Mas, é nesse

momento, e à medida em que novos abalos sociais e econômicos emergiram na sociedade, antigos conflitos sociais foram reavivados: com a ascensão do capitalismo neoliberal-financeiro-digital e convergência temático-política entre grupos evangélicos e católicos ultraconservadores, o anticomunismo ganhou novo impulso e veio pelas mãos da Virgem Maria. Não pelas mãos da Virgem Aparecida, encontrada por pobres pescadores no século XVII, no interior de São Paulo, pele enegrecida, ligada ao catolicismo popular, ressignificada pela Teologia da Libertação e pelas Comunidades Eclesiais de Base, que tiveram seu auge entre o final dos anos 1970 e 1980, mas pelas mãos da linhagem mariana anticomunista médio-classista urbana e reacionária: Lourdes, Fátima, Desatadora de Nós, Mãe Rainha, Lágrimas.

Todavia, o culto das Virgens entre os carismáticos é ambíguo, e durante muito tempo oscilou entre a aprovação entusiasmada e a desconfiança e o sutil desprezo entre as alas mais pentecostais, refratária às raízes tradicionais do catolicismo. As primeiras foram defenestradas, isoladas, ou saíram da Igreja ou vivem às margens do movimento, aqui e ali (SILVEIRA, 2008). As correntes ultraconservadoras ascenderam no movimento, mudaram os mitos de origem, antes tão enfaticamente postos sobre os efeitos do Concílio Vaticano II (1962-1965, Roma/Itália) e sobre o Fim de Semana de Dunquesne (1967, Pittsburg, Pensilvânia/EUA)<sup>6</sup>, para a atuação de uma beata italiana, Elena Guerra, do século XIX (CAMURÇA, BRUM, SILVEIRA, 2021). Sem dúvida, isso representou a inflamação dos veios conservadores que, embora presentes desde o começo, estavam diluídos e confrontados por diversas tendências e empuxos plurais (OLIVEIRA, 1978; PRANDI, 1997; STEIL, 2004; MARIZ, 200;).

### **3 CONSERVADORISMO, CATOLICISMO E EXTREMISMO DE DIREITA: ENTRE O TRADICIONALISMO E O BOLSONARISMO**

---

<sup>6</sup> No site nacional do movimento, lemos: “Foi em fevereiro de 1967, na Casa de Retiro da Universidade de Duquesne, em Pittsburg, Pensilvânia (EUA), em que cerca de 30 pessoas, jovens estudantes e professores universitários, em um retiro de oração e estudo da Bíblia tiveram uma experiência transformadora do Batismo no Espírito Santo”. No texto, não aparece a devoção mariana. Link: <https://novoportall.rccbrasil.org.br/blog/bendito-seja-deus-pelos-51-anos-do-final-de-semana-de-duquesne/>.

Compreender as relações o catolicismo e a política no Brasil é compreender o próprio processo de formação do estado nacional, da nação brasileira. Não é este, porém, o caminho que aqui nos interessa, por existir um considerável número de estudos sobre essa relação. Nesse tópico pretendemos destacar alguns pontos que se pode observar, dos anos 2010 em diante, ou seja, nas duas últimas décadas, como tal processo tem se acelerado e intensificado.

No caso Brasileiro, em termos de relações mais estreitas entre catolicismo e política, presenciou-se, ainda na segunda metade do século XX, o surgimento e atuação das Comunidades Eclesiais de Base e da Teologia da Libertação, no contexto da ditadura militar e da redemocratização, que povoou o catolicismo com a necessidade de um envolvimento maior dos fiéis leigos com a participação política, mas de um modo mais secularizado. Contudo, durante o pontificado de João Paulo II, assistiu-se a um progressivo esvaziamento dos seminários ligados a esta vertente e de silenciamento de intelectuais a ele ligados, sendo o caso de Leonardo Boff o mais exemplar. Com isso, estava pavimentado o caminho para grupos que, no interior do catolicismo, pregavam uma relação com alas conservadoras e reacionárias da sociedade, com destaque para os tradicionalistas e os carismáticos, o que se observou ao longo de todo o período compreendido entre os anos 1990 e 2000.

É assim que, quando observamos esse catolicismo nos anos 2010, sob o pontificado de Bento XVI, o encontraremos mais politizado, mais envolvido com a política partidária e eleitoral e produzindo importantes divisões internas, reproduzindo a própria cisão da sociedade e da política de um modo geral: um catolicismo progressista, preocupado com as questões sociais mais amplas e, por isso mesmo, comprometido com a mobilização em torno dos temas da pobreza, das desigualdades, das transformações sociais (que estaria mais presente no trabalho das pastorais); e um catolicismo conservador, espiritualizado e místico, que preocupar-se-ia com os temas morais, da conversão e da espiritualidade, pondo ênfase no “espírito” e vendo neste o motor da mudança da sociedade (o que se veria na atuação dos carismáticos, dos tradicionalistas e das diversas devoções por eles propagadas ou neles originadas).

Tendo tal cenário desenhado, se pode compreender as tomadas de posição deste tipo de catolicismo nos últimos acontecimentos mais importantes da história recente do país, a saber:

Na eleição de 2010, uma forte tônica religiosa se estabeleceu a partir da mobilização, pela campanha de José Serra, em torno da questão do aborto, pondo em Dilma Rousseff, de modo particular, e no PT, de modo geral, a alcunha de “inimigo dos valores cristãos”, que não mereceria o voto do eleitorado católico. Não apenas leigos se engajaram nesta campanha, mas também membros do clero, que passaram a propagar vídeos e cartas em desaprovação explícita à petista; o próprio papa Bento XVI, num ato inédito, chegou a enviar carta aos bispos brasileiros em que sugere que estes orientassem seus fiéis a não votarem com candidatos que se pusessem contra os valores da fé católica;

Na eleição de 2014 observou-se a continuidade desta mobilização, agora em favor de Aécio Neves e novamente em oposição à Dilma Rousseff, com uma participação maior de fiéis e Novas Comunidades em oposição à petista, inclusive com um engajamento mais explícito de membros da RCC na campanha televisiva, radicalizando tentativa de produção de identificação entre católico e antipetista ou antiesquerdista;

Durante o segundo governo de Dilma haveria uma mobilização intensa em torno da agenda moral, que uniria católicos a evangélicos de forte atuação conservadora. O ponto mais importante dessa aliança seria a votação (nacional, estadual e municipal) dos planos de educação, durante a qual se intensificou o agendamento em torno da “ideologia de gênero” que estaria presente nos documentos e que daria “provas” do quanto o governo petista e de esquerda estaria interessado na corrosão dos “valores” e da família. Cumpria-se, assim, a necessidade de sentinela e de denúncia de católicos de fato comprometidos, em seu entender, com aquilo que apregoava a doutrina católica;

Também durante essa temporalidade a atuação desse catolicismo aproximou-se de evangélicos por ocasião da mobilização pelo, e da votação do, processo de impedimento de Dilma, apresentado por eles como “momento de libertação” do país “das trevas” para a “luz”. Noites de vigília, jornadas de jejum e de terços, cercos de

Jericó e noites de louvor foram realizados para “despertar a nação” ante o momento histórico que se estava vivendo;

A eleição de 2018, por sua vez, lançaria de vez o movimento carismático e os tradicionalistas no colo do conservadorismo-reacionarismo, produzindo o apoio explícito à candidatura de Jair Bolsonaro, deixando-se o movimento registrar em momentos de oração, pública e privada, e de profecia da vitória do candidato como inscrita nos “planos divinos”, a mobilização da ideia do “presidente cristão” e da vitória da “agenda católica” no plano nacional. Durante seu governo, em especial com os horrores perpetrados durante a pandemia de Covid-19, a relação iria se estreitar, uma vez que, mobilizador da crença no “perigo comunista” a rondar o Brasil e apresentando-se como seu grande “inimigo”, Bolsonaro conquistara de vez o apoio e a fidelidade religiosa desses sujeitos.

#### **4 AS ELEIÇÕES DE 2022 E O “IMPÉRIO INFERNAL”:** COMO SE CONSTRÓI UM INIMIGO ESPIRITUAL A DERROTAR?

Chegamos ao fulcro do fenômeno lacrimajante e anticomunista. As eleições de 2022 sacramentaram uma mudança nas devoções marianas entre os carismáticos. Da *Rainha da Paz* (Mediu Jorge), entre 1980 e 1990, passando por *Nossa Senhora Desatadora dos Nós* à *Nossa Senhora da Vitória*, entre 2000 e 2010, enfim, à *Nossa Senhora das Lágrimas*, entre 2018, e, agora, em 2022 (SEGATO, 2001; SILVEIRA, 2008; CAMURÇA, BRUM SILVEIRA, 2021).

*Pari passu* à reacionarização do movimento carismático, a mudança devocional correu junto com o progressivo engajamento dos carismáticos em eleições legislativas. Construiu-se uma bancada de deputados, vereadores, prefeitos com algumas bandeiras corporativas e morais (antiaborto, antigay) (REIS, SILVEIRA, MANDUCA, 2019). Havia, nos anos 1990, muitas resistências em relação à política dentro do movimento carismático. Vista como terreno das paixões decaídas, reino do diabo, havia um relativo apoliticismo, como em grandes parcelas do mundo evangélico pentecostal. O discurso anticomunista não era a tônica das pregações, dos textos, das imagens que circulavam, então, no movimento.

Entre 1992-1994, a RCC empreendeu uma reorganização interna, unificou procedimentos, acelerou a burocratização do carisma, provocou choques e abalos, criou uma seção para questões sociais e políticas e passou a defender o engajamento nas eleições. Organizados, eles elegeram, desde 1992, dezenas de vereadores e deputados estaduais e federais (REIS, SILVEIRA, MANDUCA, 2019).

A ancoragem social dos carismáticos se deu nas classes médias urbanas, em geral a partir de uma faixa etária entre o jovem adulto e a meia-idade e de católicos com algum engajamento em outros movimentos, ou cansados ou desiludidos com o formato tradicional, para eles, apático, da socialização e vivência católicas (OLIVEIRA, 1978; CARRANZA, 2000; PRANDI, 1997). As classes médias urbanas possuem afinidade histórica com ideologias conservadoras e reacionárias por muitos motivos. O atávico pavor de sofrer perdas materiais e simbólicas de *status* (proletarização), os efeitos de imitação das classes sociais abastadas e as crises sociais-econômicas estão entre os configuradores dessa afinidade. Não obstante a entrada de classes populares-urbano periféricas na composição social-demográfica, a raiz social de origem prevaleceu e prevalece no movimento carismático (PRANDI, 1997).

Em 1992, durante a intensa batalha política do primeiro *impeachment* republicano, parte do movimento em São Paulo apoiou Fernando Collor, um político de direita, e, a partir de então, pouco a pouco, a simbologia do mal começou a tomar a forma mais acabada do anticomunismo.

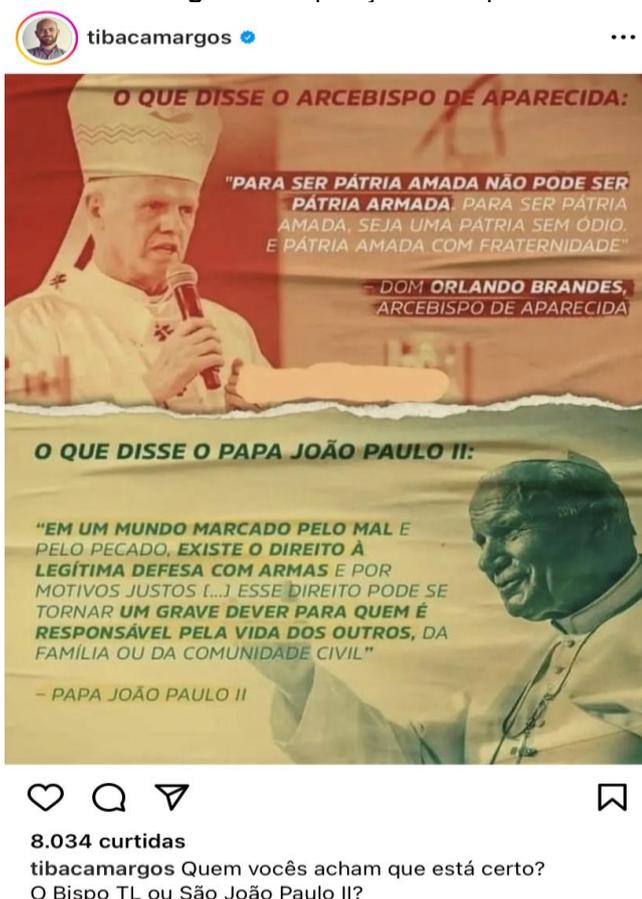
O medo e as frustrações sociais, as disputas internas no catolicismo, o cabedal de situações e problemas contemporâneos e suas complexidades (precarização do trabalho, recuo dos direitos sociais, financeirização-plataformização digital da vida, novos modelos de amor/família, dentre outros), serão sintetizados na figura do diabo/satanás/demônio do anticomunismo e em seu veículo mais perfeito, os políticos de esquerda, mais especificamente, do Partido dos Trabalhadores, e de seu líder máximo, Lula da Silva.

Nesse momento do artigo analisaremos a mobilização da devoção à Nossa senhora das Lágrimas tal como realizada por dois membros do catolicismo carismático com importante atuação: a cantora Adriana Arydes e o apresentador Tiba Camargo,

ambos ligados à Comunidade Canção Nova e com forte presença nas redes sociais. Essa mobilização se deu de quatro modos: o que deveria pensar o católico sobre as eleições, a mensagem das lágrimas, o perigo comunista e o voto em Jair Bolsonaro. Vejamos a partir das imagens.

A imagem abaixo contém uma mensagem de produção de cisão no interior do catolicismo, muito observada por aqui desde a pandemia: a cisão entre a hierarquia, aí representada pelo presidente da CNBB, e aquilo que pensa o movimento, apresentando-se como mais católico do que o próprio bispo, para isso valendo-se de uma declaração do papa João Paulo II para legitimar o apoio do movimento à plataforma política de Bolsonaro. A ideia de um retorno ao depósito da fé católica é explícita ao se referir a um papa já falecido e não à mensagem contemporânea de Francisco sobre o mesmo tema.

**Imagem 04:** Oposição ao bispo



Fonte: Instagram Tiba

Uma mensagem com o mesmo teor, de deslegitimação da CNBB/hierarquia e uma mostra da maior catolicidade presente no movimento e não no clero pode ser vista também neste *card*:



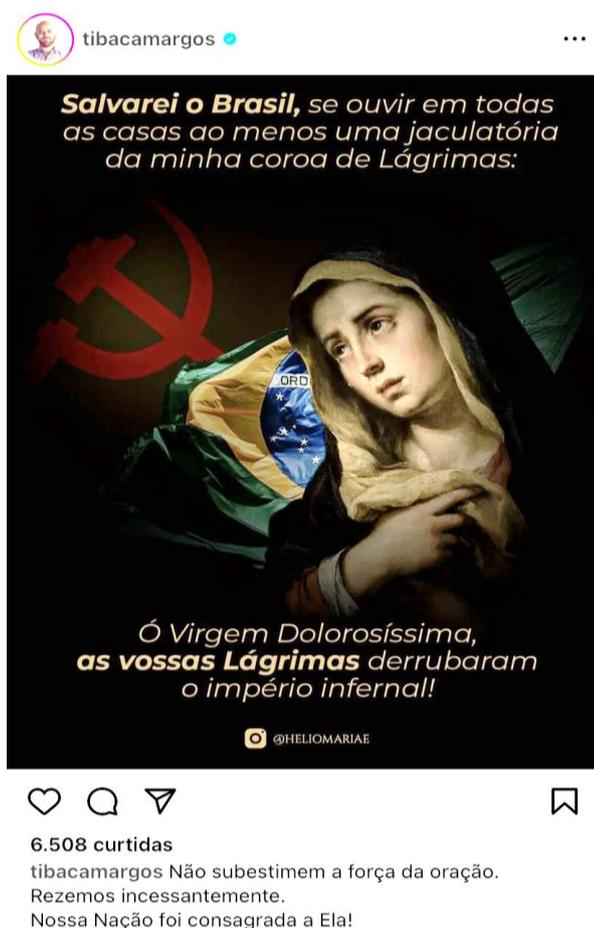
**Fonte:** *Instagram Tiba*

Assim, o quadro que se desenhava da eleição era preocupante para aqueles que apostavam tudo na radicalização daquilo que criam ser a verdade da fé católica: além da sociedade brasileira estar em perigo por conta dos avanços realizados nos governos petistas, que iam de encontro ao que pregava a doutrina, o quadro se agrava ainda mais pela “conivência”, segundo eles, de membros do clero que haviam sido seduzidos pela mensagem da esquerda. Daí o grande perigo que o Brasil corria com aquela eleição. E, assim, estava posta a importância da mobilização pelo convencimento de católicos, maioria da população brasileira e maioria daqueles que produziram a vitória de Lula segundo o que indicavam as pesquisas; e como fazer tal convencimento de um modo mais legítimo senão apelando a uma mensagem que viesse direto do céu?

Se o país estava em perigo, e sendo tal perigo o da vitória do comunismo, de onde pinçar uma mensagem de pânico e de libertação a convencer outros católicos da iminência de uma “derrota” da mensagem católica que não fosse na doutrina, o que

exigiria muita exegese, senão em mensagens de aparições de Maria? É o que podemos ver, por exemplo, com essa imagem, em que se lê a ideia de “salvação” do país a ser produzida pela propagação da devoção das lágrimas e pela “força da oração”, localizando a eleição no plano espiritual, reproduzindo a lógica levada a cabo pelo próprio Bolsonaro de chamar aquela disputa de “batalha espiritual”, “guerra do bem contra o mal”:

**Imagem 06:** A salvação do Brasil



**Fonte:** *Instagram Tiba*

Na imagem acima, aparece o símbolo da antiga URSS, que não existe mais. O signo mais famoso do comunismo, se tornou um fantasma que, pelas mãos e desejos dos carismáticos, conseguiu um corpo para encarnar-se e se tornar um fetiche. Com essa sua generosa ajuda, o demônio volta à vida, partejado, ou melhor, inventado, como aqueles que o põem dentro de um signo, e não aqueles que o extraem (exorcista). Importa registrar que, segundo aquilo que é propagado como mensagem original das aparições em Campinas, Nossa Senhora se referia o tempo todo à conversão dos pecadores de um modo geral, sem referências ao termo “Brasil”, o

que nos sugere que a propagação da devoção durante o pleito de 2022 tinha o objetivo explícito de ressignificar politicamente aquela mensagem, que apelava para a ideia de “império infernal” e que poderia, assim, identificar este com o PT e com Lula. Isso fica bastante claro ao se observar as três imagens abaixo:

Imagens 07, 08 e 09: O perigo comunista



Fonte: *Instragram* Tiba e Adriana

O que fazer, então, ante à ameaça real do perigo do comunismo com a possível vitória de Lula? Rezar o terço e a coroa das lágrimas, ensinados pela própria Virgem Maria à irmã Amália, ainda em 1930, crendo na promessa de derrota do “império infernal”. Se ali a mensagem se dirigia aos “muitos pecadores” e se destinava a

produzir a conversão destes muitos, inclusive, presos pelo demônio, à mensagem de Cristo pelas mãos de Maria; agora cumpria às lágrimas produzir um outro tipo de conversão, a do voto, modificando a escolha por Lula pela opção em Bolsonaro, mudança essa entendida como conversão religiosa produzida pelas lágrimas de Maria, derramadas pela dor de seu filho Jesus. Entre este e sua mãe, o Brasil sob perigo de *comunizar-se*; como vitória de Maria e de Jesus, a reeleição de Bolsonaro, condição de realização do próprio status de católico, como se pode ver abaixo:

Imagem 07: Católico



Fonte: Instagram Tiba

A imagem acima expressa a plataforma reacionária sobre a qual se assenta agora o movimento carismático. A ligação entre a identidade e uma escolha política de extrema-direita, excluindo outras escolhas (centro, esquerda, e suas variantes internas) se dá em um plano ontológico ou natural. Tenta-se naturalizar uma relação que não é e que foi construída histórico-socialmente por uma confluência de fenômenos sociorreligiosos entrelaçados. Bourdieu lembra que a religião tenta fazer da história, um *mythos*, um transcendente absoluto, uma verdade outorgada desde sempre, mas, as coisas não se dão dessa maneira. O esforço hercúleo dispendido

por agentes sociais do catolicismo carismático no sentido se de construir essa ligação exclusiva indica que ela não é natural, mas histórica e socioantropológica.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira consideração é que, dentro dos limites da bibliografia revisada e dos dados empíricos trazidos à tona, constata-se que há uma relação entre aparições marianas e situações e correntes políticas. Embora não seja uma relação exclusiva, ela existe e é, em alguns momentos, determinante para a identidade de movimentos religiosos, como os carismáticos nas eleições de 2018 e 2022. Não quer dizer que haja discordâncias, desvios, carismáticos à esquerda, o que pode ser constatado em nível enográfico, mas que há uma construção histórico-social em andamento que privilegia certos laços religiosos e sociais nos quais o carismatismo nasceu e que foram conduzidos pelas situações contextuais ao momento presente.

O anticomunismo, contudo, tinha um lastro social concreto de manifestação, URSS, China, partidos e propostas concretas e vigorosas. Mas hoje, não há mais esse lastro, mas, ele passa a ser reinventado, e, à imagem e semelhança do *mythos* cristão: o diabo ou o demônio, na tradição cristã, não tem corpo, concretude, é um espírito livre, e pode encarnar em qualquer signo – porcos, objetos, políticos.

Há um conto de Gibran Khalil Gibran<sup>7</sup>, escritor libanês, Satanás, que fala de um monge Simão orgulhosos do seu combate vitorioso com o grande aversário e da quase vitória. Num caminho, após um exorcismo bem-cedido, ele viu um home caído, quase morto, cheio de sangue e dor. Fora golpeado por Miguel e aos anjos. Cabia a Simão, dar o golpe fatal. Mas, Satanás contra-argumentou: sem mim, não serás celebrado como o maior exorcista, louvado, sem mim, as pessoas não te chamarão, não darão pão, vinho, afeto. O demônio lembrou que seu nome era o centro de organizações religioso-culturais, artístico-filosóficas, e ajudou a erguer mosteiros e eremitérios sobre o medo e, ao mesmo tempo, fundava cabarés e

---

<sup>7</sup> Uma versão desse conto poder ser lido aqui, nesta página dedicada ao escritor: <https://www.facebook.com/gibrankhalilgibran/posts/satan%C3%A1sgibran-khalil-gibrano-padre-sim%C3%A3o-era-conhecedor-profundo-dos-assuntos-es/831194030293781/>.

bordéis sobre a luxúria. E, indagou: “ Sou o pai e a mãe do pecado. Queres que o pecado morra com minha morte?”. Simão pensou, e se alegrou ao concordar. Diz o conto de Gibran que o demônio soltou uma gargalhada similar como se fossem vulcões explodindo, elogiou a inteligência e que habilidade, a sutil da teologia e, admirado, disse que ele o monge ou padre Simão, tinha criado uma justificativa para a sua existência que ele, pai e mãe do pecado, o próprio ignorava. O padre Simão aproximou-se, carregou-o às costas, e prosseguiu no seu caminho, “[...] engolfados de silêncio e embelezados com o véu da escuridão”, ele “caminhou para a aldeia, as costas dobradas ao peso de sua carga”. E, continua a versão original, “Sua batina preta e as longas barbas ficaram salpicadas de sangue que escorria sobre ele, mas caminhava afoito, lábios balbuciantes em fervente prece pela vida de Satanás agonizante...”<sup>8</sup>.

Além da literatura, que pode nos inspirar, talvez mais poderosamente que a ciência da religião, a sociologia, a história ou a antropologia, permanece ainda a ser investigado, os porquês desse processo de construção entre diabo e política se tornar tão forte e carrear os carismáticos. Não que não houvesse diabos e diabinhos latentes ou explícitos mas, para além das supostas evidências e explicações clássicas. há que se refletir sobre como essa paixão descontrolada pelo diabo veio a ser construída e que os faz distantes dos primeiros mitos de origem que um dia eles cultivaram em seus grupos de oração, comunidades palestras, imagens e mensagens: amor incondicional divino a todos, batismo no espírito santo, comunidades de partilha de bens.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Francis W. de B. Permanências do discurso anticomunista católico da década de 1960 no discurso anticomunopetista da atualidade. In: PEREIRA, Marco A. Machado L.; PIMENTA, E. F. (orgs.). **Dimensões do anticomunismo no Brasil** [recurso eletrônico]: novos estudos e perspectivas de análise. São Luís: EDUFMA, 2024p. 313-338.

BOURDIEU, Pierre. A dissolução do religioso In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3 ed. Rio de Janeiro Bertand Brasil, 1999.

---

<sup>8</sup> A versão original pode ser lida neste blog: <https://porquenaosoucrisiao.blogspot.com/2018/07/satanas-na-visao-de-khalil-gibran.html>.

- CAMARGO, Cândido. E. P. **Igreja e desenvolvimento**. São Paulo: CEBRAP, 1971.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres ; BRUM, A. ; SILVEIRA, EMERSON JOSÉ SENA . Todos os caminhos levam a Roma e à Casa Branca: Os fluxos da direita religiosa católica para o Brasil [...]. **Ciencias Sociales Y Religión / Ciências Sociais E Religião**, v. 23, p. 1-40, 2021.
- CARRANZA, Brenda. **Renovação Carismática Católica**. Origens, Mudanças e Tendências. Aparecida: Santuário, 2002.
- REIS, Marcos V. F.; SILVEIRA, Emerson, MANDUCA, Vinicius. Carismáticos, política e conservadorismo social. **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. p.170–206, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/42248>. Acesso em: 28 fev. 2024.
- MARIZ, C. L. A Renovação Carismática Católica: uma igreja dentro da Igreja?. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 169–186, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/115>. Acesso em: 28 fev. 2024.
- MARTNS, José S. **O poder do atraso**: ensaios de sociologia da história lenta. São Paulo: Hucitec, 1994.
- PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito**. A renovação conservadora do catolicismo carismático. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 1997
- PEREIRA, Marco A. Machado L.; PIMENTA, E. F. (orgs.). **Dimensões do anticomunismo no Brasil**: novos estudos e perspectivas de análise. São Luís: EDUFMA, 2024.
- PEIXOTO, Renato Amado; ZANOTTO, Gizele (Orgs.). **Direitas e Religião no Brasil (1920-1940)**. Passo Fundo: Acervus, 2023
- PORTELLA, Rodrigo. **Mirar Maria**. Reflexos a Virgem em espelhos da História. Aparecida: Editora Santuário, 2016.
- SEGATO, R. L. Las dos vírgenes brasileñas: lo local y lo global en el culto mariano. **Revista Colombiana de Antropología**, [S. l.], v. 37, p. 90–111, 2001. Disponível em: <https://revistas.icanh.gov.co/index.php/rca/article/view/1278>. Acesso em: 28 fev. 2024.
- STEIL, Carlos A. STEIL, Carlos Alberto. Renovação Carismática Católica: porta de entrada ou de saída do catolicismo? Uma etnografia do Grupo São José, em Porto Alegre (RS). **Religião e sociedade**, ISER, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 11-36
- SILVEIRA, Emerson. J. S. Terços, 'Santinhos' e Versículos: a relação entre carismáticos católicos e política. **Rever (PUCSP)**, v. 08, p. 54-74, 2008.
- STEIL, Carlos A.; MARIZ, Cecilia L.; REESINK, Misia L. (orgs.) **Maria entre os vivos**. Reflexões teóricas e etnografias marianas no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

OLIVEIRA, Pedro R.; BOOF, Leonardo; LIBÂNIO, João B.; BETTENCOURT, Estevão. **Renovação carismática católica**: uma análise sociológica, interpretações teológicas. Petrópolis: Vozes, 1978.